

O “DESPERTAR” DA CONSCIÊNCIA NO ROMANCE DE KATE CHOPIN: UMA LITERATURA DE DENÚNCIA FEMININA

Ana Maria Soares Zukoski¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise interpretativa acerca da trajetória da personagem Edna Pontellier que busca a liberdade e o controle de sua própria vida, rompendo os padrões morais da sociedade do final do século XIX, no romance *The Awakening*, publicado em 1899, pela autora norte americana Kate Chopin. Conhecida por criar personagens femininas transgressoras, sua prosa foi vista como inadequada na sociedade americana conservadora do século XIX. O trabalho será embasado nos pressupostos da Crítica Feminista e da Literatura de autoria feminina como Zolin (2009); Wollstonecraft (2016); Touraine (2011), Woolf (2014), Zinani (2013) entre outros.

PALAVRAS-CHAVES: Kate Chopin; *Despertar*; Liberdade feminina.

THE "AWAKENING" OF CONSCIOUSNESS IN KATE CHOPIN'S NOVEL: FEMINIST LITERATURE AS DENOUNCEMENT

ABSTRACT: The present work aims to present an interpretative analysis about the trajectory of the character Edna Pontellier who seeks the freedom and control of her own life, breaking the moral standards of late nineteenth century society in the novel *The Awakening*, published in 1899, by a north american writer Kate Chopin. Known for creating transgressive female characters, her prose was seen as inadequate in nineteenth-century conservative american society. The work will be based on the assumptions of the Feminist Criticism and literature written by woman as Zolin (2009); Wollstonecraft (2016); Touraine (2011), Woolf (2014), Zinani (2013) among others.

KEY-WORDS: Kate Chopin; *The Awakening*; Feminine freedom.

1. Considerações iniciais

Mary Wollstonecraft, em sua obra *Reivindicação dos direitos das mulheres*, denuncia os preconceitos e, conseqüentemente, os prejuízos causados às mulheres, que se viam forçadas a permanecerem aprisionadas na vida doméstica que lhes privava os direitos básicos, sendo submetidas aos homens que as cercavam, sendo eles, em um primeiro momento, os próprios pais, irmãos e, posteriormente ao casamento, os maridos. Segundo a autora,

¹ Mestranda em Letras, Área de concentração: Estudos Literários, Linha de pesquisa: Literatura e construção de identidades pela UEM – Universidade Estadual de Maringá, e-mail para contato: aninha_zukoski@hotmail.com

O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (...) elas são tratadas como um tipo de ser subordinado, e não como parte da espécie humana, quando se reconhece na razão perfectível o nobre elemento de distinção que eleva os homens acima da criação bruta. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25-26)

O que a autora afirma é sobre a formação de um ideário ideológico, no qual as mulheres, além de serem consideradas como seres inferiores e, por conta disso, subordinadas aos homens, eram também apenas inspiradoras do amor, isto é, era necessário estar de acordo com os padrões da época para que, desse modo, conseguissem despertar nos homens o sentimento do amor. As mulheres que não seguissem o conjunto de normas e regras, dirigidas exclusivamente a elas, sob o estigma da moral e dos bons costumes, além de não serem bem vistas na sociedade, também seriam vistas como loucas, como se a loucura fosse a verdadeira causa do desvio da opressão da sociedade.

Kate Chopin foi uma escritora norte americana, que escandalizou a sociedade conservadora do século XIX com a publicação de suas obras. De acordo com Oliveira, a autora questiona as necessidades das mulheres, como o casamento e os filhos, tudo isso em meio ao ambiente doméstico, com a ousadia de evidenciar temas censurados pela sociedade, como o adultério feminino e o divórcio. Isso é recorrente em toda a obra da autora que, por meio das personagens femininas, valida o seu discurso de denúncia:

Suas personagens são marcantes; mais do que isso, são inquietantes. Predominam como casadas e infelizes, submissas a um casamento que não as satisfaz, mas para a qual foram encaminhadas por um “destino”. Kate questiona esse determinismo através do amor e da sexualidade, sem medo de falar do erotismo e sensualidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 259)

Considerando o contexto social no qual Kate Chopin encontrava-se inserida, suas obras não foram bem recebidas, por não apresentarem personagens femininas que correspondessem aos padrões morais da época. Pelo contrário: a autora representava mulheres muito à frente de sua época, como é o caso da personagem Edna, que será analisada posteriormente. De acordo com Figueiredo,

Seus temas, envolvendo a busca da identidade feminina, a questão do gênero, a liberdade e os papéis femininos, além de revelar uma sociedade dividida em escalas sociais das mais variadas – principalmente no que se refere às diferenças sociorraciais do Sul profundo dos Estados Unidos -, ultrapassam o tempo de uma vida (FIGUEIREDO, 2011, p. 165-166).

Podemos perceber que Chopin propõe temáticas polêmicas, e que sua obra possui características pertinentes, como a denúncia feminina acerca da falência do casamento, da objetificação, e reflete a busca pela identidade e pela independência femininas. Considerando as características citadas, podemos refletir que a literatura de autoria feminina anglo-americana, de acordo com Showalter (apud ZOLIN, 2009, p. 330), passou por três grandes fases. A primeira, intitulada como fase feminina, apresenta-se como a reprodução dos valores vigentes da época, sendo obras expressivas *Jane Eyre* e *Shirley*, escritas por Charlotte Brontë. A segunda fase, denominada como feminista, surge como denúncia e manifestação contra a situação a qual as mulheres estavam submetidas. Como grandes representantes, *Mrs. Dalloway* e *To the lighthouse*, escritos por Virgínia Woolf. A terceira e última fase, nominada como fêmea, diz respeito à literatura feminina mais contemporânea, na qual a busca pela identidade é o motriz mais presente nas narrativas. Portanto, a obra de Chopin pode ser classificada na segunda fase, por representar a denúncia da situação feminina, que aparece de forma contundente no romance *The Awakening*.

2. O despertar da identidade feminina

The Awakening narra a história da protagonista Edna Pontellier, que é casada com Leonor Pontellier e tem dois filhos. A família dispõe de uma situação econômica bastante confortável, estabelecendo desse modo que Edna permaneça restrita ao ambiente doméstico, sendo responsável por fiscalizar os criados e educar os filhos. Em uma viagem de final de estação, a família se desloca para Grand Isle. É durante essa viagem que Edna começa a tomar consciência acerca da situação feminina e, em específico, da sua própria. As reflexões possuem como motriz o fato dela apaixonar-se por Robert, filho da dona dos chalés em Grand Isle. O fato de Edna se apaixonar é algo significativo, visto que não era aceitável às mulheres possuírem vontades e desejos. Dessa forma, o apaixonar-se influencia a personagem no sentido de que é o primeiro transgredir que romperá a barreira da consciência, principalmente considerando que Edna é uma mulher casada, e isso não consegue conter a paixão que sente por Robert. É, a partir de então, que ela traça a sua trajetória em busca de liberdade para constituir-se como sujeito de sua própria história.

Alain Touraine, um sociólogo francês, alinhado à perspectiva teórica pós-moderna, ainda que não assuma totalmente sua filiação a essa vertente, tem focado, em seus estudos, os

conflitos da sociedade pós-industrial e as reivindicações culturais relacionadas a esse contexto, como, entre outras, a dos movimentos feministas:

A ideia do gênero efetivamente carregava consigo um determinismo social, e até mesmo ideológico, das condutas femininas. As mulheres eram obrigadas a agir em função de seu lugar na sociedade; sua subjetividade nada mais era do que um conjunto de reflexões e ilusões, e que as tornavam incapazes de uma ação autônoma. (TOURAINÉ, 2011, p. 18)

O sociológico apresenta a condição feminina anterior às lutas feministas. É exatamente essa condição inferiorizada que Edna Pontellier tentará subverter por meio da mudança de pensamentos, que impulsionarão a transformação em suas atitudes em busca da liberdade:

Deixou que sua mente repassasse os acontecimentos de sua estada em Grand Isle; e tentou descobrir em que esse verão havia sido diferente de todo e qualquer outro verão de sua vida. Só conseguiu perceber que ela própria – seu ser presente – estava de algum modo diferente do outro ser. Que estava vendo com olhos diferentes e tomando conhecimento de novas condições em si que coloriam e mudavam seu ambiente, era algo que ainda não suspeitava. (CHOPIN, 1994, p. 58)

No excerto acima, podemos identificar que Edna começa a perceber as mudanças em relação a tudo o que havia vivido até então. Apesar de não ter consciência a respeito de toda a transformação que viria a se operar, a personagem (ainda que inconscientemente) modifica sua visão sobre as mulheres e as condições sob as quais elas encontravam-se submetidas. Essa mudança de ótica é fundamental, pois será ela que permeará o “despertar” da protagonista.

Algumas transformações começam a se delinear no comportamento de Edna que, cada vez mais, começa a distanciar-se do comportamento esperado das mulheres:

Edna disse a Madame Ratignolle, certa vez, que jamais se sacrificaria por seus filhos, ou por quem quer que seja. Seguiu-se depois uma discussão acalorada; as duas mulheres não pareciam se entender ou falar a mesma língua. Edna tratou de apaziguar sua amiga, explicando:

- Eu desistiria do não-essencial; daria meu dinheiro, minha vida por meus filhos; mas não daria a mim própria. Não consigo deixar isso mais claro; é apenas uma coisa que estou começando a compreender, que está se revelando para mim. (CHOPIN, 1994, p. 67)

A questão afirmada por Edna trata de não renunciar a sua própria individualidade. É possível perceber que há um embate entre as duas mulheres, sendo Madame Ratignolle o modelo de mulher que a sociedade exigia. A afirmação de Edna escandalizou-a, pois de acordo com os padrões morais da sociedade, aos quais Madame Ratignolle seguia fielmente, não era permitido às mulheres possuírem sua própria individualidade, visto que era necessário elas

cumprirem os papéis de mãe e esposa, vivendo em função dos filhos e do marido, e isso precisava vir antes de tudo, sufocando, desse modo, qualquer tentativa de ser sujeito de sua própria vida.

Podemos depreender, na fala da protagonista, que essa individualidade é algo que lhe estava florescendo como novo, do qual ela, até então, não possuía consciência efetiva. Nota-se ainda que a personagem afirma dar a vida pelos filhos, referindo-se a isso como algo não-essencial, inferior à sua individualidade, mas precisamos compreender que a vida à qual ela se refere pode ser interpretada como aquela a que as mulheres estavam restritas, ao ambiente doméstico, moldada e automatizada pelo modo/gosto masculino, que vigorava na sociedade patriarcal.

A respeito da questão da maternidade, Cecil Jeanine Albert Zinani, em sua obra *Literatura e gênero: A construção da identidade feminina*, postula: “Também a mulher, diferentemente de outros animais, não encontra na maternidade a sua autonomia, uma vez que essa função constitui uma carga (...) por colocá-la na dependência do homem em relação à proteção e à subsistência” (ZINANI, 2013, p.71). A posição apresentada pela autora corrobora o posicionamento demonstrado pela personagem Edna, que não vê na maternidade o ideário romantizado que a sociedade atribui ao papel de mãe.

O “despertar” de Edna, aos poucos, vai manifestando-se de formas diferentes:

Abandonou completamente suas terças-feiras em casa e deixou de retribuir a visita dos que a procuravam. Não fez qualquer esforço inócuo para conduzir seu lar em boné ménagère, saindo e voltando ao sabor de sua fantasia e, até onde fosse capaz, entregando-se a qualquer capricho passageiro

O Sr. Pontellier havia se mostrado um marido bastante atencioso, enquanto se deparara com uma certa submissão tácita da esposa. Mas a nova e inesperada linha de conduta de Edna o desconcertava inteiramente. Ela o chocava. Além disso, seu absoluto descaso pelos deveres de esposa o irritava. Quando o Sr. Pontellier se tornava rude, Edna ficava insolente. Ela resolvera jamais dar outro passo atrás. (CHOPIN, 1994, p.78-79)

É possível perceber que, aos poucos, Edna decide libertar-se daquilo que ela considerava inútil, ou que simplesmente não desejasse fazer, como o caso das visitas às terças-feiras, que antes ela cumpria como se fosse um protocolo para beneficiar os negócios do marido. Podemos depreender que o comportamento do Sr. Pontellier altera-se ao passo que o de Edna também transforma-se. Enquanto Edna seguia as convenções da sociedade, sendo uma boa esposa submissa, o tratamento do esposo era afável. Mas, com a mudança da protagonista diante à posição de dona de casa e esposa, o comportamento do marido também altera-se, passando a ser rude com ela, como forma de demonstrar a insatisfação perante as novas atitudes da esposa,

que o chocavam por não estarem de acordo com os padrões da sociedade. A mudança de comportamento do Sr. Pontelier também denota uma forma de opressão, como se com a alteração de comportamento, conseguisse que Edna voltasse aos moldes submissos que antes desempenhava. O “despertar” manifesta-se não apenas pelas atitudes diferentes que Edna tinha praticado, mas também pelo fato de possuir a consciência acerca do que estava fazendo, e mostrar-se firme nas suas decisões, enfrentando o marido e não aceitando voltar atrás no que decidia.

Acerca das personagens de Chopin, Figueiredo traz em seu ensaio a voz de Lélia Almeida, que afirma: “Algumas autoras, no entanto, foram fundamentais ao construir personagens femininos questionadores do *status quo*, que se caracterizaram como protagonistas do próprio destino” (ALMEIDA apud FIGUEIREDO, 2011, p. 167). Edna Pontellier é exatamente uma dessas protagonistas do próprio destino, seguindo sua trajetória em busca de sua identidade e liberdade, questionando e rompendo os padrões morais da sociedade do final do século XIX.

Com efeito, Edna demonstra estar insatisfeita com a instituição do casamento, quando se dá conta de quão opressor este se configura:

- É o que eu gostaria que fizesse. Ela não irá ao casamento. Diz que o casamento é um dos espetáculos mais lamentáveis da Terra. Bela coisa para uma mulher dizer a seu marido! – exclamou o Sr. Pontellier, irritando-se de novo com a recordação. (CHOPIN, 1994, p. 90)

Mais uma vez, podemos perceber que Edna opõe-se à vontade do marido, declarando para o mesmo a falência à qual o casamento está fadado. Isso reflete uma mudança de Edna acerca do casamento, compreendendo que, de fato, este não é a salvação e nem nada do que as convenções da sociedade colocavam. Ao afirmar que é “um dos espetáculos mais lamentáveis da Terra”, é possível depreender que o “espetáculo” refere-se ao esplendor da cerimônia, mas que não faz jus ao que de fato é o casamento, servindo apenas para mascarar a prisão doméstica e a submissão materna e matrimonial. Presume-se, desse modo, que tal constatação, por parte da protagonista, baseia-se na própria experiência de seu casamento, que lhe havia transformado apenas em esposa e mãe.

O posicionamento masculino, perante o comportamento feminino diferenciado, atribui características diminutivas, colocando as transformações como se fossem caprichos passageiros:

A mulher, caro amigo, é um organismo muito **singular** e **delicado**... uma mulher **sensível** e solidamente constituída, como sei que é a Sra. Pontellier, é especialmente **excêntrica**. Seria preciso um inspirado psicólogo para lidar direito com elas. (...) A maioria das mulheres é **temperamental** e **caprichosa**. (CHOPIN, 1994, p. 90, grifos meus)

No excerto acima, podemos observar um uso excessivo de adjetivos, na fala do médico Mandelet, para descrever e qualificar as mulheres como um todo, formando de certo modo um estereótipo. Atentando-nos para tais adjetivos, podemos compreender que todos são negativos, no sentido de transformar as mulheres em objetos, como bonecas que são manipuláveis. Nenhum dos adjetivos utilizados aponta para o poder e a força feminina; ao contrário, reforçam a questão da fragilidade e delicadeza, que deveriam ser “naturais” ao sexo feminino. Indica também a possível instabilidade emocional e psicológica que as elas possuem, contrariamente a eles. É possível depreender que todos esses adjetivos são utilizados para qualificar as mulheres negativamente, reiterando o estereótipo de que a mulher é inferior ao homem, uma vez que os adjetivos apresentados contrapõem-se àqueles, que em geral, são atribuídos aos homens para exaltar o poder masculino. Vale ressaltar que o discurso contido no excerto acima, é proferido por um médico. Esse posicionamento do médico, devido ao seu contato com a Ciência, serve para validar, dar maior credibilidade e justificar o preconceito contra o sexo feminino, ou seja, o médico era visto como uma autoridade da Ciência o que validava sua visão de mundo como verdadeira.

Edna segue com suas transformações, experimentando pela primeira vez o sentimento de liberdade:

Quando finalmente ficou só, Edna deu um profundo e genuíno suspiro de alívio. Um sentimento que não lhe era familiar, embora muito agradável se apossou dela. Andou pela casa toda, de um quarto para outro, como se reparasse neles pela primeira vez. (CHOPIN, 1994, p. 97)

A sensação que se apossou de Edna trata-se da liberdade. Nesse momento, com a partida do marido para o exterior, ela via-se livre da cobrança de seu papel de esposa, assim como com a partida dos filhos, que lhe aliviava o encargo da função de mãe. Isto é, finalmente a personagem podia dedicar-se apenas a si mesma. A sensação de liberdade não poderia lhe ser familiar exatamente por causa desses dois motivos, de ser esposa e de ser mãe, e ainda que estivesse mudando suas atitudes perante esses papéis sociais, não poderia sentir-se livre enquanto estivesse cercada pelos filhos e pelo marido.

Agora que Edna sente a sensação de liberdade, vem-lhe a necessidade de possuir um “teto todo seu”, para utilizar a expressão cunhada pela escritora Virginia Woolf, em seu ensaio com o mesmo título:

Edna sentou-se à biblioteca depois do jantar e leu Emerson até ficar com sono. Percebeu que negligenciara suas leituras e tomou a decisão de enveredar de novo por uma trajetória de estudos proveitosos, agora que seu tempo lhe pertencia integralmente para fazer o que bem quisesse. (CHOPIN, 1994, p. 98)

No trecho acima, podemos identificar que agora Edna sente-se livre para dedicar-se às leituras e estudos, o que não era possível com as atribuições de esposa e mãe. A biblioteca constitui-se como uma espécie de “teto todo seu”. No ensaio homônimo, Woolf cria uma personagem feminina, Mary Seton, que, ao longo de um dia, reflete sobre o tema “mulheres e ficção” e conduz as reflexões propostas no ensaio. Para a autora, uma das grandes dificuldades das mulheres para escreverem, sobretudo ficção, o que demandaria tempo e um espaço próprio, ou seja, “um teto todo seu”, seria ter uma renda fixa. Ao refletir sobre as condições necessárias para a criação da arte, Woolf questiona: “Por que os homens bebem vinho e as mulheres água? Por que um sexo é tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tem a pobreza na ficção?” (WOOLF, 2004, p. 41).

Woolf enfatiza que, no começo do século XIX, uma família de classe média só tinha uma sala de estar para todos. A escritora relata as dificuldades enfrentadas por uma autora como Jane Austen (1775-1817), que escrevia escondida dos demais. O fato dos homens não precisarem escrever as escondidas possibilitou que houvesse uma grande quantidade de livros escritos sobre as mulheres por homens. Portanto, podemos relacionar a mesma dificuldade encontrada por Edna que, ainda que não desejasse ser uma escritora, possuía o desejo de estudar e ler. Segundo Aragon, “a leitura aparecia como uma atividade extremamente perigosa; comparável à serpente no Jardim do Éden, o livro sedutor convida ao pecado as leitoras que mordem a maçã do conhecimento²” (ARAGON apud BURLAMAQUE, 2011, p. 173). Considerando a concepção de leitura na qual pautava-se a sociedade do século XIX, justificasse, desse modo, a necessidade de um lugar específico, sem interferências, dos filhos e do marido, para que Edna pudesse desenvolver seus estudos:

Sentia-se um pouco como uma mulher que num momento de paixão é flagrada num ato de infidelidade e percebe o significado de seu ato sem estar inteiramente

² A tese de que a leitura corrompia as mulheres e que as levaria a “pecados” como o adultério aparece em várias obras escritas por homens no século XIX, como *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, e *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós.

desperta de seu fascínio. Um pensamento vago atravessou a sua mente: “O que ele pensaria?”

Não estava pensando no marido; estava pensando em Robert Lebrun. Seu marido parecia-lhe agora uma pessoa com quem se casara sem ter o amor como desculpa. (CHOPIN, 1994, p. 104)

Contextualizando o excerto, Arobin beija calorosamente as mãos de Edna e, após sua saída, a mesma perde-se nos pensamentos transcritos no trecho. O leitor contemporâneo precisará considerar que a obra foi escrita no final do século XIX, e mesmo que, contemporaneamente, beijos na mão nada signifiquem, no século em questão, essa atitude, de permitir-se ser beijada, não estava adequada com os paradigmas da moral que a sociedade pregava às mulheres.

É interessante notar que, mesmo Edna estando inserida nesse contexto opressor e acreditando ser um ato de infidelidade, não é possível perceber nenhum traço que mostre culpa ou arrependimento na personagem, o que indica a consciência acerca da falência de seu casamento, que não foi motivado pelo amor. Outro ponto a destacar é o fato do pensamento da protagonista direcionar-se para Robert, o homem pelo qual estava apaixonada, e não para o seu marido, o que comprova que a personagem não mais estava preocupando-se com seu casamento, sua família e sua reputação perante a sociedade.

O primeiro passo concreto que Edna dá rumo a sua liberdade é a saída da casa do marido. Ela aproveita que o mesmo está em uma viagem, e muda-se para uma casa mais simples e menor, na mesma rua:

Estou cansada de cuidar daquela casa grande. Ela nunca pareceu minha, de qualquer forma... como um lar. Dá muitos problemas. Preciso manter criados demais. Estou cansada de me aborrecer com eles.

- Este não é seu verdadeiro motivo, ma belle. Não precisa mentir para mim. Não conheço os seus motivos, mas não me disse a verdade. – Edna não protestou nem procurou se justificar.

- A casa, o dinheiro que a abastece, não são meus. Isso não é motivo suficiente?

- São de seu marido – retornou Mademoiselle, com um alçar de ombros, erguendo maliciosamente as sobrancelhas.

(...) A velha Celestine que trabalha ocasionalmente para mim, diz que virá ficar comigo e cuidará da casa. Sei que vou gostar do sentimento de liberdade e independência. (CHOPIN, 1994, p. 106)

A questão da mudança de casa pode ser interpretada como a metaforização da busca de Edna por liberdade, ainda que nesse caso configure-se como a liberdade material, deixando de ser dependente do dinheiro do esposo. O comportamento de Mademoiselle Reisz demonstra que ela consegue acompanhar e compreender os avanços que sua amiga faz, e que a mudança de casa demonstra a vontade de Edna para emancipar-se financeiramente, uma vez que

reconhece que a casa e o dinheiro são propriedades do marido, e permanecer na casa a condicionaria a permanecer como também uma propriedade do esposo. A protagonista demonstra ter consciência disso, o que significa que o pensamento de Edna havia transformado-se a tal ponto, que já não conseguia corresponder ao horizonte de expectativa da época:

O instinto impeliu-a a dispensar a generosidade do marido ao rejeitar sua submissão a ele. Não sabia o que aconteceria quando ele voltasse. Teria que haver um entendimento, uma explicação. Sentia que a situação de alguma forma ajustar-se-ia; mas fosse como fosse, resolvera jamais pertencer a ninguém mais senão a si própria. (CHOPIN, 1994, p. 107)

Podemos considerar o fragmento acima como o ápice do “despertar” de Edna, pois é nesse momento que ela afirma o seu auto pertencimento e a recusa a qualquer tipo de submissão ou opressão. É possível relacionar Edna às mulheres que se constroem para si, conforme Touraine:

Essas mulheres dão um sentido muito preciso aos objetivos que procuram alcançar: a construção de si mesmas. Isto consiste em afirmar-se como mulheres e não somente em libertar-se de uma feminilidade imposta pelos homens, ainda que elas rejeitem toda forma de dependência e a condenem quando a percebem ao redor ou dentro delas. (TOURAINÉ, 2011, p. 44)

Um importante aspecto destacado por Touraine é a rejeição da dependência, tanto exterior como, principalmente, interior. É exatamente esse caminho que Edna percorre, transformando-se de dentro para fora. Tomando consciência e refletindo sobre seus sentimentos, para depois, certa de que era uma mulher construída para si própria, começar a alterar o seu redor. Com efeito, depois de ela experimentar da sensação de liberdade, não poderia mais contentar-se com o ambiente doméstico opressor:

- Um dia desses – disse – vou me concentrar um pouco e pensar... tentar determinar que espécie de mulher eu sou, pois honestamente não sei. Por todos os parâmetros que conheço, sou um espécime diabolicamente perverso do meu sexo. Mas de certo modo, não consigo me convencer disso. Preciso pensar no assunto. (CHOPIN, 1994, p. 110)

No trecho acima, podemos perceber que Edna não encontra-se satisfeita com a representação que a sociedade apresenta acerca de suas atitudes. Os adjetivos selecionados demonstram como o machismo distorce a visão daquelas que não correspondem ao ideário feminino da época. A respeito disso, as considerações de Touraine, uma vez mais, vão ao encontro da contestação de Edna, que discorda com a representação da sociedade: “Se a

identidade das mulheres lhes é dada pelas representações que os homens e as instituições dominadas por eles têm delas, a ideia de construção de si de uma mulher não tem nenhum sentido” (TOURAINÉ, 2011, p. 46). O que Touraine afirma é que não podemos ter como parâmetro a representação elaborada pelos homens, pois a mulher que se constrói para si mesma, tendo por base sua identidade, jamais corresponderá aos paradigmas da sociedade. Se fosse para comparar as mudanças com os pressupostos sociais, não faria sentido lutar para construir-se como mulher:

- Bem, por exemplo, quando a deixei hoje, ela colocou os braços ao redor de mim e apalpou minhas omoplatas dizendo que era para ver se minhas asas eram fortes. “O pássaro que alçar vôo acima da planície da tradição e do preconceito deve ter asas fortes. É um triste espetáculo ver pássaros fracos, feridos, exaustos, adejando de volta à terra”. (CHOPIN, 1994, p. 110-111)

O fragmento acima apresenta uma linda metáfora acerca da trajetória rumo à liberdade, que precisará superar as dificuldades e os preconceitos. Podemos interpretar que ocorreu a zoomorfização da personagem Edna, representada pelo pássaro que alçará voo. De acordo com Chevalier e Gheerbrant;

O vôo dos pássaros os predispõe, é claro, a servir de símbolos às relações entre o céu e a terra. Em grego, a própria palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu. É essa a significação dos pássaros no taoísmo, onde os Imortais adotam a forma de aves para significar a leveza, a liberação do peso terrestre. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 687)

É possível interpretar que a utilização desse elemento na metáfora simboliza a leveza e a liberação do peso terrestre, que no caso da obra em específico, seria a opressão que a personagem sofria, enquanto mulher. O voo metaforizaria a vontade em alcançar-se a independência, ao passo que as asas fortes corresponderiam à necessidade de ser forte para conseguir manter a difícil luta contra as planícies que representariam a dificuldade de superar os preconceitos que a protagonista precisaria enfrentar. Pode ser associada como uma representação da sociedade, enraizada na tradição preconceituosa. Os pássaros classificados como fracos, feridos e exaustos, que adejam de volta à terra, representam aquelas mulheres que tentaram buscar sua liberdade, mas que acabaram vencidas pela opressão e não conseguiram continuar a luta, por isso voltam para a terra, que pode ser entendida como metáfora do ambiente doméstico.

A mudança para a outra casa, que representa a sua independência financeira, muito alegrava a personagem, que sentia-se muito bem: “Ela tinha a sensação de ter descido na escala

social e de ter subido na espiritual na mesma proporção” (CHOPIN, 1994, p. 124-125). É possível depreender que Edna possuía consciência acerca do desprestígio social de que agora dispunha, que anteriormente só constitui-se devido ao dinheiro do marido e do casamento, que a elevava à posição de uma senhora de família. Contudo, esse prestígio perante a sociedade jamais compensaria o prestígio espiritual que agora ela possuía. Isso demonstra que a protagonista não se importava mais com a sociedade, porque agora conseguia estar feliz consigo mesma, e a ascensão espiritual havia sido alçada por meio da busca pela liberdade. E o sentimento de auto pertencimento a dominava:

- Você tem sido um menino muito, muito tolo, perdendo seu tempo sonhando coisas impossíveis quando fala de o Sr. Pontellier me libertar! Já não sou uma das propriedades do Sr. Pontellier para ser ou não descartada. Eu me entrego a quem eu quero. Se ele chegasse a dizer, “Ei-la, Robert, tome-a e seja feliz; ela é sua”, eu riria de ambos. (CHOPIN, 1994, p. 142)

É possível perceber que agora Edna afirma sobre seu próprio pertencimento. Não é mais do marido, nem de Robert, e nem de ninguém que senão ela mesma. Usa o termo “propriedade” para exemplificar como antes era tratada e encontrava-se na situação de objeto, e que conseguiu alçar-se para a categoria de sujeito da sua própria história. Consonante a isso, Touraine postula que:

A construção de si pelas mulheres é fundada sobre aquilo que resiste à sua identidade social, isto é, sobre uma natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social. É assim que as mulheres vão se erguendo até chegar à afirmação de sua singularidade e de sua liberdade de escolher a própria vida, definida por oposição a toda definição imposta de fora. (TOURAINÉ, 2011, p. 47)

A protagonista percorre sua trajetória até chegar a sua afirmação, no trecho da obra destacado anteriormente, na qual ela afirma-se enquanto mulher, sujeito de sua história, e também afirma sua liberdade em oposição ao pertencimento ao marido.

Ao longo do romance, Edna procura Robert, pois, acreditando que pertence apenas a si mesma, não vê empecilhos para relacionar-se com seu amado. Contudo, Robert tenta fugir, e depois de afirmar que a ama, abandona-a, pensando estar desse modo lhe preservando, visto que, apesar de tudo, Edna ainda era casada e tinha dois filhos, ou seja, perante a visão masculina de Robert, que é consoante a visão da sociedade, Edna não era uma mulher livre. O abandono faz com que Edna reflita acerca da situação pela qual lutou e percebe que, ainda que tenha lutado e avançado muito rumo a sua liberdade, ela nunca poderia ser totalmente livre, pois

estava confinada a limites, que eram seus filhos. Para não ter que sucumbir a eles, ela opta pela morte, conforme observa Kehl:

Não é por desilusão amorosa que Edna se deixa levar pelo mar: é por ter encontrado os limites de sua condição. Ela sabe que o amor não pode leva-la mais longe (...) Os filhos são seu limite, “adversários que a haviam dominado (...) tentado escravizar sua alma para o resto de seus dias. Mas ela conhecia um meio de esquivar-se deles” ... Se a alma estava escravizada, Edna ainda dispunha de seu corpo. (KEHL, 1994, p.VII – VIII)

A. Alvarez em sua obra *O deus selvagem* aborda inúmeras questões acerca do suicídio. Considerando que Edna Pontellier encerra sua trajetória em busca da liberdade abdicando de sua própria vida, é importante considerar que

Afinal, o suicídio é fruto de uma opção. Por mais impulsivo que seja o ato e por mais confusos que sejam os motivos, no momento em que uma pessoa finalmente decide pôr fim à própria vida, atinge uma certa clareza temporária. (ALVAREZ, 1999, p. 96)

Edna Pontellier demonstrou estar bem certa do que estava fazendo. E como Alvarez colocou, foi a opção pela qual ela se decidiu, em nome de sua individualidade e liberdade. Quando chega à praia de Grand Isle, Edna vê que “Um pássaro com uma asa quebrada adejava no céu acima, oscilando, debatendo-se em volutas descendentes, caindo mutilado em direção à água” (CHOPIN, 1994, p. 150). Outra vez, aparece a imagem do pássaro, que era uma espécie de metáfora da condição feminina. O pássaro estava com uma asa quebrada, que pode ser interpretada como a consciência de Edna acerca dos filhos constituírem-se como seu limite. O pássaro cai na água e é em direção a ela que Edna segue. Consoante a Chevalier e Gheerbrant, “a **infinidade dos possíveis**” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 15). O significado apresentado a esse símbolo, pelos autores, combina exatamente com os sentimentos da personagem. Edna procura essa “infinidade dos possíveis” por meio do suicídio nas águas do mar, pois enquanto ela e os filhos vivessem, sua liberdade não poderia ser completa, sempre esbarrando no limite imposto pela maternidade.

3. Considerações finais

Com o desenvolvimento das análises da obra, foi possível perceber o quanto o romance *The Awakening*, escrito por Kate Chopin, colocou em cena uma protagonista feminina tão forte e transgressora para a sua época. Conforme Burlamaque,

Graças a escritoras como Kate Chopin, que, desde meados do século XIX, romperam com as barreiras a elas impostas e criaram personagens femininas diferentes, que representavam modelos de comportamento e não eram apenas personagens literárias para distrair os outros, mas sim serviam de modelo para outras mulheres, a literatura escrita por e para as mulheres cresceu e ocupa, hoje em dia, outro patamar na historiografia literária. (BURLAMAQUE, 2011, p. 175)

Percebemos que Edna Pontellier, a protagonista do romance, faz parte desse *hall* de personagens que romperam as barreiras da sociedade conservadora e alcançou direito à voz, denunciando, por meio de suas falas, diversas mazelas sociais, principalmente no que tange às questões femininas. Além de denunciar, também apresenta um comportamento transgressor, demonstrando que a força feminina pode emergir e lutar.

O desfecho do romance é trágico, pois mesmo sendo uma personagem tão à frente de seu tempo, ela comete suicídio. É preciso considerar que, por mais que Kate Chopin fosse uma das pioneiras da literatura feminista, ela vivia na sociedade opressora, e no século XIX, sua literatura já era considerada como indecente, o que contribuiria para a impossibilidade de um *happy ending* para uma personagens tão transgressora.

Referências

- ALVAREZ, A. *O deus selvagem: um estudo do suicídio*. Trad. Sonia Moreira. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. “No Baile Acadiano” e os reflexos da leitora Kate Chopin. In: VIEGAS-FARIA, B.; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, E. R. Z. (Orgs.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas*. 1 ed. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 171-176.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- CHOPIN, Kate. *O despertar*. Introdução: Maria Rita Kehl; Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.
- FIGUEIREDO, Joana Bosak de. Do sótão ao teto: Kate Chopin e outras mulheres únicas. In: VIEGAS-FARIA, B.; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, E. R. Z. (Orgs.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas*. 1 ed. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 165-169.
- KEHL, Maria Rita. Um corpo que seja seu. In: CHOPIN, Kate. *O despertar*. Introdução: Maria Rita Kehl; Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994.
- OLIVEIRA, Fernando Egídio Batista. Ele da Chênrière, Ela da Grand Isle. In: VIEGAS-FARIA, B.; CARDOSO, Betina Mariante; BROSE, E. R. Z. (Orgs.). *Kate Chopin: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas*. 1 ed. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011. p. 259-261.
- TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Tradução Francisco Morás. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Trad. Ivania Pocinho Motta. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- ZINANI, Cecil Jeanini Albert. *Literatura e gênero: A construção da identidade feminina*. 2.ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2013.
- ZOLIN, Lucia Osana. Literatura de autoria feminina. In ZOLIN, Lúcia Osana & BONNICI, Thomas (orgs.). *Teoria literária: abordagens e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em maio de 2018.